

Hipertexto e gêneros digitais na escola: desafios para a formação de professores

Andréa Beatriz Hack de Góes¹

Analice Santana dos Reis²

Vívian Márcia Monteiro Costa³

Tairys Nery⁴

Resumo

O uso da tecnologia na atualidade modifica comportamentos, modos de vida e de produção e também traz profundas mudanças estruturais ao texto, diante da mescla de linguagens no espaço do hipertexto. Tal reconfiguração das formas de linguagem provocou a ressignificação e deslocamento dos sujeitos autor e leitor no contexto da cibercultura. Diante de tantas mudanças, pergunta-se: está a escola, preparada para trabalhar com novas formas de leitura e escrita? Os recursos e ferramentas oferecidos na web têm tido lugar nas aulas de Língua Portuguesa? Estão os professores preparados para lidar pedagogicamente com eles? Tais questionamentos são o mote de nossa pesquisa em andamento, e nos propomos a refletir neste artigo sobre o uso pedagógico da tecnologia e o trabalho com o hipertexto e gêneros digitais nas aulas de língua materna, tendo como foco a formação de professores. A pesquisa, que se desdobra em três frentes, pretende investigar como se dá a formação de professores nos cursos de Licenciatura em Letras atuantes na cidade de Salvador, BA, buscando verificar se os cursos selecionados têm em suas grades curriculares disciplinas que abordem especificamente as relações entre língua e tecnologia, hipertexto e gêneros digitais. A hipótese de que esses elementos têm ainda ficado excluídos das instâncias de formação vem sendo confirmada pelos dados já obtidos e resultados preliminares, que serão objeto de análise e reflexão neste espaço.

Palavras-chave: formação de professores. Leitura. Escrita. Hipertexto. Gêneros digitais.

Abstract

The use of technology in the actuality changes behaviors, ways of life and the production and brings too deep structural changes to the text, with the blend of the languages in the space of the hypertext. This reconfiguration of languages' ways caused the redefinition and relocation's writer and reader in the cyberculture. In the face of so many changes, there is the question: Is the school prepared to work whit new ways of reading and writing? The resources and tools from the web have time in Portuguese Language classes? Are the teachers prepared to work pedagogically whit them? Those questions are theme of our current research. We propose to think, in this article, about the pedagogical use of technology and the work whit the hypertext and digital genres in native language' classes, whit the focus in the teacher's formation. The research has three parts and intends to study about the teacher's formation in the graduated in Letters operating in Salvador, BA, for to check if the selected graduates

¹ Doutora em Letras (UFBA, 2010); Professora Adjunta – Universidade Federal da Bahia; abhack@gmail.com.

² Estudante de Letras (UFBA, 2018); Pesquisadora voluntária no projeto coordenado pela professora; analice.reis12@gmail.com.

³ Estudante de Letras (UFBA, 2018); Pesquisadora voluntária no projeto coordenado pela professora; vivian.aicram@gmail.com.

⁴ Estudante de Letras (UFBA, 2018); Pesquisadora voluntária no projeto coordenado pela professora; tairys.nery@hotmail.com.

have in their curriculum guides subjects that approach specifically the relations between language and technology, hypertext and digital genres. The hypothesis is this elements have been excluded from the formation is been confirmed for data and preliminary results. They'll be object of analysis and thinking in this article's space.

Keywords: Teacher's formation. Reading. Writing. Hypertext. Digital genres.

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade predominantemente grafocêntrica como a nossa, o uso de tecnologias em constante evolução tem se generalizado cada vez mais, à proporção em que aumenta o acesso da população em geral aos dispositivos eletrônicos, sendo o mais comum deles o aparelho de celular. Estar na rede, “conectado”, como alardeiam incansavelmente os comerciais das operadoras de telefonia móvel, fixa e que também fornecem o serviço de internet, é hoje praticamente uma condição existencial, de sobrevivência, principalmente nos grandes centros urbanos. Diante dessa realidade, é possível até mesmo “atualizar”, parodiando, o famoso aforismo do filósofo Descartes: “Eu me conecto, logo, existo”. De fato, na maioria das áreas profissionais, atualmente, a imersão tecnológica é uma realidade irreversível, há muito não se coloca apenas como alternativa ou opção aos profissionais, e isso desde o período de formação. E já que estamos falando em formação, como fica a escola nesse contexto? E, mais especificamente, as instituições de ensino superior, públicas e privadas, responsáveis por preparar e formar os docentes que atuarão na educação básica?

Na era da Cibercultura, anunciada por Pierre Lévy (1999), a mesma tecnologia que permeia indelevelmente os meios de comunicação, modos de produção e a própria conjuntura social da vida humana impõe também novas formas de leitura e escrita, pautadas principalmente pelo dinamismo das múltiplas linguagens, simultâneas, e por uma interação cada vez mais intensa e profunda entre os interlocutores, a ponto de se fundirem e dissolverem-se os papéis de autor e leitor, num fenômeno que Johnson-Eilola (1994) identificou como “escrita colaborativa”.

Assim, pode-se afirmar que nunca se leu nem se escreveu tanto quanto agora. Mas de que forma? Segundo os padrões mais formais da escola? E como isso afeta, de forma positiva

ou não, os processos de aquisição de linguagem, bem como o desenvolvimento das competências de leitura e escrita, considerando outros contextos de interação, fora do universo da *web*?

Segundo Hilgert (2000), as interações comunicativas no ambiente virtual em geral, independente da plataforma ou dispositivo utilizado, são marcadas pela reorientação, que implica na agregação de um caráter de “falado” ao conteúdo escrito; tal característica insere num ritmo de interlocução (predominantemente escrita) bastante rápido, a semelhança das conversas orais, pois proliferam enunciados breves, curtos, num estilo de linguagem informal, muitas vezes deliberadamente despojado, mesmo entre pessoas que não se conhecem de fato, mas se sentem próximas no ambiente comum e ultra democrático da rede. Essa sensação de proximidade, numa familiaridade artificialmente produzida é reforçada também pelo uso intenso de elementos visuais, os famosos e simpáticos “emojis”, que agregam uma multimodalidade linguística disponível e potencializada sobremaneira pelos recursos tecnológicos. Essa multiplicidade de linguagens, além de chamar a atenção e seduzir seus usuários por seu caráter subjetivo, descontraído e afetivo, visto que explora o humor e a sensibilidade, também costuma promover uma melhor aceitação e adesão aos conteúdos e ideologias veiculados nesses espaços.

Portanto, não é à toa que, hoje em dia, o mercado virtual vem crescendo nas mais diferentes áreas, e *youtubers* têm feito tanto sucesso, influenciando legiões de seguidores, a ponto dessa atividade, iniciada de modo aleatório e desprezioso, ter-se convertido em uma verdadeira carreira profissional, pois já despertou a atenção das empresas, atentas ao seu potencial de retorno, e por isso tem lucro garantido.

Dentro desse contexto, a um só tempo desafiador e promissor, urge considerar como fica o papel da escola, enquanto instituição tradicional e legalmente incumbida de promover a educação da e na sociedade, em face dessas novas práticas de leitura e escrita, que expandem sobremaneira o espaço estável, já condicionado e consolidado do impresso, para a tela, que por sua vez, suporta num mesmo lugar a multiplicidade de linguagens, estilos e conteúdos do hipertexto. É preciso avaliar cuidadosamente como ela pode contribuir significativa e eficientemente na formação não apenas de leitores e autores, mas de cidadãos críticos e

conscientes, de modo a evitar que os indivíduos, de forma alienada, venham a sucumbir num verdadeiro oceano de informações amplamente disponíveis.

Defendemos aqui que a escola não pode omitir-se de uma resposta consistente às demandas da sociedade atual, tampouco isentar-se de seu papel enquanto educadora e formadora responsável dos cidadãos que compõem essa mesma sociedade. No entanto, a fim de dar essa resposta, ela precisa estar atenta às mudanças impostas pela tecnologia, não apenas incorporando-as passivamente, mas ressignificando-as, agregando-lhes sentido, reflexão e valor. Para isso, contudo, mais do que meramente investir em estrutura material e recursos tecnológicos, é necessário cuidar da formação dos docentes, que deve ser condizente a essas demandas, considerando o conflito posto, que persistirá ainda por alguns anos, entre os chamados “imigrantes digitais” – os professores, e os “nativos digitais” – as gerações mais novas, ou seja, os atuais alunos.

Entendemos que trazer a tecnologia para a sala de aula implica em muito mais do que simplesmente “trocar o quadro pela tela”, como tem ocorrido em vários estabelecimentos de ensino, à guisa de se atentar apenas para um modismo superficial, de caráter muitas vezes mais comercial e político do que propriamente pedagógico. Para Magda Soares,

A tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e, até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. (...) A hipótese é de que essas mudanças tenham conseqüências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002, P. 146).

Utilizar a tecnologia e suas infinitas possibilidades como ferramenta de ensino e aprendizagem requer problematizar teoricamente objetos como o hipertexto e os gêneros digitais, considerando conscientemente suas potencialidades e sua inserção social generalizada, numa perspectiva crítica. E isso, por sua vez, impõe uma intervenção didática consistente e teoricamente embasada, por parte de profissionais bem formados e bem preparados. O presente artigo, que reporta os resultados parciais de uma pesquisa em

andamento, se propõe a refletir sobre questões como essas, por entender que os grandes desafios e possibilidades da escola em relação ao tema já explicitado só poderão ser devidamente atendidos considerando cuidadosamente seu principal recurso de ensino: o professor.

2. QUE TIPO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES É PRECISO NO SÉCULO XXI?

É inegável que o ciberespaço amplia incomensuravelmente as possibilidades de interação entre seus usuários, ou “internautas”, o que aplicado ao contexto escolar, pode redundar em maior interesse e motivação por parte dos estudantes para com as atividades propostas em sala de aula. Os gêneros digitais podem se converter em poderosos recursos de ensino nos processos de aprendizagem, capazes de incrementá-los consideravelmente, tornando-os mais atraentes e interessantes, já que propiciam e de certa forma impõe novas formas de ler e de escrever.

Nisso consiste o letramento digital, a saber, uma competência mais específica de leitura para esse meio, que habilite o leitor a compreender e utilizar a infinidade de informações disponíveis de modo crítico e consciente. Para tanto, não bastam, nem ao professor, nem aos alunos, meros conhecimentos de informática, de caráter mais técnico, mas são necessários também saberes que possibilitem uma avaliação mais crítica e aprofundada dos conteúdos *online*. E é justamente aí que se faz crucial a intervenção do professor em sala de aula, pois ele poderá ajudar os estudantes a construir uma postura crítica que lhes permita discernir e se apropriar de modo consciente e produtivo da infinidade de informações contidas no “mar” da internet, de modo que não “se afoguem” nele!

Pinheiro (2005), ao incentivar o uso de hipertextos como recurso de ensino, ressalta com propriedade a importância e necessidade da mediação dos professores nesse processo, apresentando aos alunos estratégias de leitura que os habilitem a compreender significativamente a gama de informações que eles comportam:

Ao interagir com hipertextos, é necessário que eles desenvolvam habilidades e competências requeridas para esse modo de enunciação digital. Como selecionar e filtrar conhecimentos, estabelecer as relações entre os diversos fragmentos [...]. Ainda é necessário ressaltarmos que a leitura não deve ser vista como única [...], é necessário considerá-la em sua multiplicidade e

diversidade de vozes, próprias do hipertexto. Nesse sentido, o aluno teria lugar como um sujeito verdadeiramente agente de sua aprendizagem. (PINHEIRO, 2005, p. 146).

O autor defende que a mediação realizada pelo professor no trabalho com o hipertexto e gêneros digitais deve promover o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem, cabendo ao docente, então, ser um “coordenador de roteiros seguros e eficientes para a construção do conhecimento do aluno-navegante.” (PINHEIRO, 2005, p. 146). Na prática, isso representa mais um ganho consideravelmente significativo em se utilizar tais objetos em sala de aula com vistas a construir a autonomia do aluno em relação ao seu desenvolvimento integral e formação, visto que tais conteúdos e objetos não são restritos ao espaço escolar, tampouco dependem do professor para circulação e acesso.

No entanto, como poderá o professor exercer esse papel de mediação tão importante e necessário, se ele mesmo for “desconectado” desse universo? Ficar tolhido de dúvidas e receios, ou pior, fazer-se refém de rejeição e resistência às inovações tecnológicas, face aos desafios que elas podem representar?

O projeto de pesquisa, intitulado “Hipertexto na sala de aula: novos modos de ler e de escrever na cibercultura, novas estratégias de ensino na escola” nasceu justamente de uma constatação, por um lado alarmante, por outro, pouco surpreendente: em pleno século XXI, a escola (especialmente a pública, por uma série de fatores que não cabe aqui detalhar) ainda tem se mantido algo avessa às inovações tecnológicas, ficando perigosamente alheia às demandas da sociedade que a cerca, e que, por sua vez, vive e respira tecnologia. Tal constatação se concretizou quando da realização de um curso de extensão sobre gêneros digitais e hipertexto na escola, ministrado na universidade, cujo público-alvo foi justamente professores da educação básica, na perspectiva de uma formação continuada. A procura pelo curso foi bastante significativa, o que por si só depôs contundentemente sobre a necessidade de atualização e capacitação do corpo docente para trabalhar com o universo tecnológico e digital na sala de aula, conhecendo e explorando pedagogicamente suas múltiplas possibilidades, sobre um embasamento linguístico consistente.

Fora essa necessidade veementemente aflorada, os professores que buscaram o curso também demonstraram reconhecer a importância de a escola encarar a tecnologia de frente, tendo-a como aliada, lançando mão dela como ferramenta pedagógica e não se deixando intimidar por ela como se fosse uma espécie de “inimiga”, que ameaça substituí-la, tornando-a “obsoleta”. Conforme Araújo e Costa, “é importante que a escola também se abra à reflexão

não só da composição textual dos gêneros digitais, mas também de seu funcionamento, fato que lhe permitirá avançar no estudo da língua como um lugar de interação humana.” (ARAÚJO E COSTA, 2007, p. 32-33).

O interesse desses professores denotou também a percepção de que precisam adquirir novas habilidades e competências que os capacitem a utilizar de modo significativo os valiosos recursos de interlocução digital, tornando-se eles próprios interlocutores nos espaços virtuais, conhecendo e usando as linguagens digitais, pautadas principalmente na leitura e na escrita, conforme o que foi afirmado na introdução do artigo: nunca se leu e escreveu tanto quanto agora. Na prática, isso é uma grande vantagem da tecnologia atual.

Assim, tendo em vista todas essas considerações, o que se fez latente foi a preocupação com a formação acadêmica e profissional dos professores. Se a oferta de um simples curso de atualização, de poucas horas, foi capaz de revelar uma lacuna tão grande a ser preenchida, como está se dando a formação integral dos docentes por parte dos cursos de licenciatura, e mais especificamente, de Letras Vernáculas? Esse foi o mote que deu origem à presente pesquisa, que se encontra na primeira de três etapas. No próximo tópico, explicitaremos os dados já obtidos e os respectivos resultados preliminares de sua análise.

3. COMO ANDA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES?

O projeto de pesquisa “Hipertexto na sala de aula: novos modos de ler e de escrever na cibercultura, novas estratégias de ensino na escola”, já mencionado, subdivide-se em três frentes de trabalho:

1. Levantamento de dados referentes às grades dos cursos de licenciatura presenciais existentes na cidade de Salvador, de instituições públicas e particulares, buscando verificar se nestas são previstas disciplinas que contemplem as novas tecnologias e o trabalho com leitura e escrita envolvendo gêneros digitais e hipertextos na formação de professores de língua portuguesa;
2. Visita a escolas selecionadas como amostragem (nessa primeira fase do projeto focaremos apenas em escolas públicas) para verificar se elas dispõem ou não de alguma estrutura quanto a recursos e aparatos tecnológicos (*hardware* e *software*) que viabilize o trabalho com hipertextos e gêneros digitais nas aulas, particularmente as de língua portuguesa;

3. Realização de entrevistas com professores de língua portuguesa e seus alunos nessas mesmas escolas, a fim de levantar dados que permitam verificar a existência ou não do uso da tecnologia nas aulas, bem como o grau de compreensão, abordagens e estratégias empregadas, para posterior análise.

A pesquisa vem sendo realizada pela professora orientadora, que aqui a descreve, juntamente com três alunas voluntárias do curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (sendo que uma delas está momentaneamente afastada). Elas auxiliam a professora na construção das ferramentas para levantamento dos dados, aplicação destas, tabulação dos dados obtidos e análise, bem como na construção do subsídio teórico do projeto, a partir das referências teóricas selecionadas.

Nesta etapa, focada na primeira frente de trabalho, selecionamos as principais instituições da cidade que oferecem o curso de licenciatura em Letras na modalidade presencial. A partir disso, buscamos nos respectivos sites dessas instituições a grade desse curso, a fim de verificar, inicialmente pela própria designação do componente curricular, uma possível aderência como nosso objeto de pesquisa. Finda essa etapa, levantamos os seguintes dados, sistematizados no quadro abaixo:

Projeto Hipertexto na Sala de aula
Cursos de Letras – presenciais – em Salvador (instituições públicas e privadas)

INSTITUIÇÕES	CURSO DE GRADUAÇÃO- GRADE DA DISCIPLINA	DISCIPLINAS COM ADERÊNCIA AO PROJETO
Faculdade Jorge Amado (Privada - Particular em Sentido Estrito)	Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Respektivas Literaturas Estrutura curricular PPC (Carga horária: 3.168h Atividades Complementares: 200h Dimensão Prática: 400h Estágio: 268h Carga horária total: 4.036h)	1. Disciplina: Sociedade, Ciência e Tecnologia • Carga Horária - Semestre 88h - 5º Semestre 2. Disciplina: Produção de Material Didático para o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura • Carga Horária - Semestre 88h - 7º Semestre.
Faculdade Dom Pedro Segundo (Privada - Particular em Sentido Estrito)	Letras - Português e Inglês e Respektivas Literaturas Estrutura curricular (2340 horas dedicadas à teoria, 780 horas à prática pedagógica orientada. Atividades Complementares: 200 h Estágio Supervisionado: 400 h Carga horária Total: 3.720)	1. Disciplina: Comunicação, educação e novas tecnologias • Carga Horária - Semestre 60h - 2º semestre
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Pública Estadual)	Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa Estrutura curricular (Sem informações sobre carga horária no site)	1. Disciplina: Prática Pedagógica III • Carga Horária - Semestre 105h - 3º Semestre
Universidade Federal da Bahia - UFBA (Pública Federal) Colegiados de Letras Vernáculas - Diurno (401) e Noturno (480)	Letras Vernáculas Estrutura Curricular (Obrigatória: 1938 h Optativa: 1088 h Atividade Complementar 200 h Carga horária total: 3226 h)	1. Disciplina: EDC287 Educação e tecnologias contemporâneas • Carga Horária - Semestre 68h - Optativa 2. Disciplina: LETC28 Gêneros textuais= em língua portuguesa • Carga Horária - Semestre 68h - Optativa
Universidade Católica de Salvador - UCSAL (Privada - Comunitária)	Letras Vernáculas Estrutura curricular (Carga horária disciplinas: 2.310 h Prática como Componente Curricular: 420 h Atividades Complementares: 200 h Estágio Supervisionado: 405 h Carga horária total: 3.335 h)	1. Disciplina: Educação e Tecnologia • Carga Horária - Semestre 60h - Optativa

(Organizado por uma das alunas pesquisadoras discente do Curso de Letras da UFBA – adaptado).

Como é possível visualizar nesse quadro, foram identificadas cinco (5) instituições, três (3) privadas e duas (2) públicas (dentre estas, uma (1) federal e uma (1) estadual) que

oferecem cursos de licenciatura em Letras, modalidade presencial, na cidade de Salvador. A inserção de *links* permite que um volume maior de informações esteja disponível implicitamente.

Analisando a grade curricular das instituições privadas, identificamos, na Universidade Católica de Salvador a disciplina **Educação e Tecnologia**; na Faculdade Dom Pedro Segundo, **Comunicação, educação e novas tecnologias**; já na terceira das particulares, Faculdade Jorge Amado, foram identificadas duas disciplinas com temática possivelmente pertinente ao objeto da pesquisa: **Sociedade, Ciência e Tecnologia e Produção de Material Didático para o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura**.

Dessas, até agora só conseguimos obter, utilizando a pesquisa pelo site, a ementa de **Comunicação, educação e novas tecnologias**, da Faculdade Dom Pedro Segundo: “Abordagem interdisciplinar propondo-se o tratamento das tecnologias de comunicação e informação como ferramentas que possibilitem a utilização dessas tecnologias da informação como auxílio nas atividades de ensino-aprendizagem.” (vide conteúdo *hiperlink*). Nota-se que, além de apresentar uma redação um tanto confusa, essa ementa propõe um trabalho meramente instrumental e tecnicista, abordando as tecnologias no âmbito da comunicação e informação e tratando-as como ferramentas de auxílio no processo de aprendizagem. Ou seja, desloca esse objeto a um lugar secundário, sem relacionar esses elementos diretamente ao desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Analisando apenas esse elemento, já que no site a instituição não informa sobre os conteúdos previstos na disciplina, apresenta apenas uma bibliografia bastante desatualizada, entendemos que nessa abordagem, a formação de professores no que tange o uso dos gêneros digitais e hipertextos parece limitar-se basicamente ao suporte tecnológico da tela, abstendo-se de explorar novas formas de ler e escrever, bem como as tantas possibilidades de interação que as tecnologias e a conexão em rede oferecem.

Quanto às demais instituições, ainda não tivemos acesso aos respectivos programas mediante o método de coleta de dados utilizado, para então poder identificar os conteúdos previstos, bem como o referencial teórico utilizado, para análise.

Dentre as instituições públicas, identificamos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) a disciplina **Prática Pedagógica III**, que apesar de ter um nome um tanto vago, traz em sua ementa dois aspectos com aderência ao nosso objeto: “(...) analisa a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação nas situações de ensino-aprendizagem

relativos aos temas linguísticos e literários trabalhados na Educação Básica(...)” e “(...)Orienta as abordagens dessas questões enfocando a relação teoria-prática necessária à formação do professor de Língua Portuguesa e de literatura na Educação Básica” (vide *link* disponibilizado no quadro acima). Além disso, é uma disciplina com uma carga horária considerável em relação às demais selecionadas, de outras instituições – 105 horas – além de ser obrigatória do 3º semestre. Contudo, ainda não tivemos acesso ao programa da disciplina, visto que ele não se encontra disponível no site da universidade.

Já na Universidade Federal da Bahia (UFBA) identificamos na grade curricular do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas duas disciplinas que reportam ao nosso tema de pesquisa, uma mais indiretamente, e outra com maior especificidade. A primeira delas, **Gêneros textuais em língua portuguesa**, é uma disciplina na qual tanto a ementa “Estudo da estruturação de textos em português, com ênfase na análise de gêneros textuais e nos pressupostos da Linguística Textual e da Análise do discurso” quanto os conteúdos previstos apenas permitem a possibilidade de uma abordagem que contemple os gêneros digitais e o hipertexto, considerando a imersão tecnológica atual; contudo, não a prevê, tampouco estabelece diretamente tal abordagem:

Revisão de conceitos básicos, com base nas atividades desenvolvidas em Introdução à Análise Textual. Gêneros textuais. Textos falados: conceitos básicos. Análise de textos falados. Textos escritos: conceitos básicos. Análise de textos escritos. Relação entre coesão e coerência. Coesão e coerência: produção textual e o ensino de língua materna. Gêneros textuais e ensino de língua materna. (Vide *link* disponível no quadro acima).

O breve programa disponibilizado no site também não informa sobre os objetivos e também não identificamos no referencial teórico disponibilizado alguma referência mais específica ao tema. Além disso, trata-se de um componente curricular de natureza optativa, teórica, e que nem sempre é oferecido.

Já a outra disciplina elencada, **Educação e tecnologias contemporâneas**, apesar de constar na grade curricular de Letras, é oferecida pela Faculdade de Educação, também como optativa. Esta, no entanto, traz uma abordagem que contempla diretamente o referido objeto de nossa pesquisa, consoante o próprio nome já indica e a ementa explicita:

Utilização das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Enfoque teórico-prático sobre o uso do computador e da tecnologia digital na educação, bem como as implicações pedagógicas e sociais desse uso. Elaboração de material audiovisual. (vide *link* disponibilizado no quadro acima).

Essa ementa, além de mais detalhada, menciona diretamente as questões pedagógicas e sociais inerentes ao uso da tecnologia digital nos processos de ensino aprendizagem. Também prevê, como parte prática, a elaboração de material audiovisual, com vistas à utilização em sala de aula. Apesar de não apresentar objetivos, a relação de conteúdos é rica e detalhada, e subdivide-se em “conjunto teórico” e “conjunto prático”. Desse primeiro grupo, destacamos como de maior relevância a nossa temática de interesse:

- Educação, comunicação, tecnologia: significado e abrangência; Informatização da sociedade planetária; Globalização; A informática na educação; Análise de softwares educativos - a filosofia LOGO; Projeto de educação à distância e redes; A Internet, a sociedade contemporânea e os novos recursos da comunicação: o papel da educação; A Internet no mundo e no Brasil.

Do conjunto prático, que corresponde à metade da carga horária do componente (34 horas), consideramos de grande importância para uma boa formação de professor de língua portuguesa todos os tópicos previstos, a saber:

- Usando computadores: hardwares e softwares; Os principais programas e seus possíveis usos na Educação; Programas de Editoração; Preparação de Imagens e Textos; Softwares de Ambiente de Rede; Navegando na Internet; Correio Eletrônico; Construção de Websites.

Contudo, apesar de apresentar uma proposta rica e consistente, o que depõe contra a disciplina no contexto do curso é o fato de ela ser optativa, ou seja, nem todos os alunos a fazem, o que, para nós, permite a existência e manutenção de uma lacuna grave na formação do professor de língua materna.

1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TECNOLOGIA: MUITO A CONECTAR

Assim, diante do que pudemos verificar até agora através de nossa pesquisa em andamento, concluímos que a formação de professores oferecida atualmente em Salvador, *locus* da investigação, nas instituições aqui atuantes, tanto públicas quanto privadas, é no mínimo negligente, omissa, no que tange preparar os futuros docentes de língua materna na educação básica para um trabalho consistente envolvendo o uso das tecnologias emergentes. Isso, tanto em termos teóricos, quanto práticos, considerando o que se espera, a formação de cidadãos críticos e conscientes. Isso porque é preciso atentar para a responsabilidade da escola frente a tantas mudanças que a imersão tecnológica impõe à vida moderna como um todo, o

que inclui também novas formas de aprender, de ler e escrever, que precisam não apenas ser adotadas em sala de aula mas, antes de mais nada, compreendidas teoricamente e tratadas pedagogicamente pelas instâncias de formação docente. Já dizia Marcuschi, ainda na primeira década deste século:

(...) na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. **Se bem aproveitada**⁵, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las(...). (MARCUSCHI, 2010, p. 15-16).

No entanto, como evitar simplesmente cair numa espécie de modismo superficial e performático, no qual apenas se troca o papel pela tela, mantendo-se as mesmas práticas pedagógicas, preservando estratégias didáticas que não atendem mais as demandas de uma sociedade cada vez mais dominada pela tecnologia, e cujo número de “nativos digitais”, a saber, os alunos nas escolas, aumenta constantemente, na medida em que as gerações avançam? Segundo Araújo e Costa, “é importante que a escola também se abra à reflexão não só da composição textual dos gêneros digitais, mas também de seu funcionamento, fato que lhe permitirá avançar no estudo da língua como um lugar de interação humana.” (ARAÚJO; COSTA, 2007, p. 32-33).

Mas para isso é necessário que o professor, a partir de sua formação, também tenha uma postura aberta e atenta a tantas novidades e mudanças, esteja disposto a assumir seu papel, não mais de detentor do saber, mas de mediador de múltiplos e variados saberes.

Em referência ao já aludido “conflito” posto entre os chamados “imigrantes” e os “nativos digitais”, é muito comum os alunos na escola, já desde a infância, ter mais habilidade e desenvoltura no uso de dispositivos e recursos eletrônicos do que os próprios professores, ao menos por enquanto. Contudo, isso não deve ser entendido como uma ameaça, algo que venha a desacreditar o papel e a importância do professor no contexto educacional e escolar. Pelo contrário, o professor do século XXI precisa estar consciente da necessidade de, ele mesmo, enquanto indivíduo e cidadão, desenvolver novas habilidades, diferentes das já adquiridas em sua época de estudante, que lhe permitam acompanhar as mudanças, irreversíveis, da sociedade atual.

E se as próprias tecnologias impõe um maior uso da escrita, não obstante a inserção de grande multiplicidade de linguagens nos espaços midiáticos e virtuais de interação, cabe ao professor e à escola lançar mão dessa motivação para ler e escrever, aproveitar-se dessa

⁵ Grifo nosso.

verdadeira necessidade do indivíduo de estar sempre conectado, para orientar e conscientizar os estudantes quanto aos vários ambientes disponíveis, que requerem adequação de modalidades e estilos de linguagem, bem como alertá-los sobre a importância de saber avaliar e selecionar informações com criticidade e bom senso.

Para tanto, porém, defendemos que todas essas ações, não apenas relevantes, mas desafiadoras e promissoras, dependem de uma boa formação docente, que prepare de maneira consistente e bem embasada os futuros professores, e sirva também para atualizar os que já atuam nas escolas. Essa é a meta de nossa pesquisa: identificar e denunciar as lacunas existentes na formação de professores, especificamente os de língua portuguesa, e a partir disso propor atualização, adequação e mudanças nos cursos de licenciatura em Letras. Mas até lá, ainda temos um longo caminho pela frente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio César Rosa de; COSTA, Nonato. *Momentos interativos de um chat aberto: a composição do gênero*. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- CHARTIER, R. Língua e leitura no mundo digital. In: _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Edunesp, 2002.
- COSTA, Sérgio R. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora: Edufjf, v. 4, n. 1, p. 43-49, jan./jun. 2000.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas: FFLCH/USP, 2000.
- JOHNSON-EILOLA, Johndan. *Reading and Writing in Hypertext: Vertigo and Euphoria*. In: SELFE, Cynthia L. & Susan HILLIGOSS. (eds). 1994, pp. 195-219, 1994.
- LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: _____. *Linguagem e Ensino*, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. XAVIER, Antônio C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Estratégias de leitura para a compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete (Org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

RAMAL, Andréa Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: _____. (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento digital. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 fev. 2009.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Sites:

FACULDADE DOM PEDRO II. Disponível em:

<http://unidom.com.br/dompedrosegundo/ba/salvador/>. Acesso em 24 jul. 2017.

CENTRO UNIVERSITÁRIO JORGE AMADO. Disponível em: <http://www.unijorge.edu.br/>. Acesso em 14 fev. 2018.

UNIVERSIDADE DE SALVADOR - UNIFACS. Disponível em: <http://www.unifacs.br/>. Acesso em 15 fev. 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB. Disponível em: <http://www.uneb.br/>. Acesso em 15 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA. Disponível em: <https://www.ufba.br/>.
Acesso em 15 fev.2018.